
Memórias

*Alceu Ravanello Ferraro**

A chegada do rio¹

- Chove forte no Sertão! - exclamou Monsenhor Expedito, com um sorriso que dispensava o habitual bom dia ao amanhecer. Seu semblante traduzia uma alegria que contrastava com a tristeza e angústia das últimas semanas.

- A Rádio acaba de anunciar que chove nas nascentes do Potengi - prosseguiu ele, a caminho da pequena capela. Começavam a chegar as primeiras famílias de camponeses. A boa nova circulava rapidamente. Os semblantes se transformavam como que por encanto. Olhos curiosos perscrutavam o céu à procura de algum sinal de chuva. Mas, até aquele momento, nada de nuvens.

Monsenhor Expedito era o vigário da paróquia de São Paulo do Potengi, cuja sede estava situada à margem direita do rio Potengi. Eu realizava uma pesquisa no Agreste do Estado do Rio Grande do Norte, região intermediária entre o Litoral e o Sertão potiguar, com vistas à minha tese de doutorado. Tinha aceito de bom grado o convite de Monsenhor Expedito e acompanhava-o em sua peregrinação de capela em capela dentro de sua paróquia. O fato de estar em sua companhia me ajudava muito nos contatos com os camponeses. Devido à violenta repressão das atividades sindicais depois do Golpe Militar de 1964, eles evitavam qualquer contato com estranhos ao meio.

Tínhamos atravessado o rio Potengi a seco, no *jeep* de Monsenhor Expedito, fazia três dias. Mais uma vez a seca se abatera sobre quase todo o Estado do Rio Grande do Norte, como, aliás, sobre quase todo o Nordeste.

O 19 de março, festa de São José, sinalizara, havia já mais de uma semana, o último dia de espera. Milhares de trabalhadores agrícolas e de pequenos proprietários já tinham sido mobilizados em obras de emergência. A terrível seca de 1958 e suas conseqüências dramáticas ainda estavam bem

* Professor Titular da Universidade Católica de Pelotas. Professor Titular aposentado da UFRGS. Pesquisador do CNPq.

¹ O presente texto, escrito em francês, no final dos anos 70, como trabalho para o curso da *Alliance Française*, foi agora traduzido, com pequenas alterações de forma. Ele retrata a experiência do pesquisador vivida no Estado do Rio Grande do Norte nos anos 1964/66, quando da pesquisa sobre o Movimento de Natal para a sua tese de doutorado. Tal experiência ficou indelevelmente registrada na memória. Tem a ver com a forma inesperada e surpreendente da chegada da água numa região periodicamente castigada pela seca.

vivas na memória do povo. A chuva anunciada se revestia, por isso, de uma caráter de salvação, mesmo que tardia.

Durante toda a manhã a Rádio anunciava, em transmissões sucessivas:

- Do Planalto Central, a chuva se estende para todas as regiões.
- A chuva vem na direção do Agreste e do Litoral. Mas o Potengi, cheio e furioso, precede a chuva.
- O rio deve chegar a São Paulo do Potengi por volta de quatro horas da tarde.

Por volta de onze horas Monsenhor Expedito me alerta:

- Vamos partir o mais tardar às três horas, para podermos chegar antes do rio.

Às três da tarde estávamos a caminho. Nenhuma nuvem ainda; nenhum sinal de chuva no céu. A estrada era péssima. O *jeep* avançava lentamente, aos solavancos. E eu a pensar sobre aquelas palavras: "...para podermos chegar antes do rio". Elas não faziam parte do meu vocabulário.

Às quatro horas estávamos ainda a quatro ou cinco quilômetros da Cidade de São Paulo do Potengi. Alguns minutos mais tarde, a algumas centenas de metros do rio, Monsenhor exclamou, apontando para a margem oposta:

- Veja! O rio já chegou!

Eu ainda não divisava o rio. Mas podia distinguir muito bem, junto à margem oposta, grupos em festa, enquanto outros já subiam a leve encosta na direção da pequena cidade.

Mais alguns segundos, e ei-lo diante de mim. Ou melhor, eis-me diante dele, porque ele, o rio, havia chegado primeiro. Inteiramente seco três dias atrás, e agora cheio até às bordas. A torrente d'água, da cor da terra, rolava rápida e rumorosa. Compreendi então as palavras de Monsenhor Expedito: "... chegar antes do rio". Não tínhamos conseguido. Isto prolongava nossa viagem até a ponte situada em Natal, próxima à foz, para então retornar pelo outro lado - mais uns 120 quilômetros.

Treze anos mais tarde, ao tentar colocar no papel esse momento marcante de minha vivência como pesquisador no Rio Grande do Norte nos anos de 1964 a 1968, as palavras de Monsenhor Expedito "chegar antes do rio" ainda me soam misteriosas e dramáticas. Elas trazem à lembrança, a cada nova seca ou ameaça de seca no Nordeste, a desgraça de um povo ainda à mercê dos industriais das secas.